

ção das idéias abstratas. Em outros termos: as estruturas arcaicas do mito apropriaram-se das estruturas evoluídas da idéia.

O Wittgenstein dos manuscritos de 1931 descobrira, durante uma longa meditação sobre *O Ramo de ouro*, de Frazer, não somente “que a eliminação da magia tem... o caráter da magia”, mas, também, que a metafísica podia ser considerada “como uma espécie de magia”. Freud perguntava-se, mais ou menos na época (1933), se a própria teoria científica não era mitológica.<sup>16</sup>

Essa questão merece ser colocada. É certo que as teorias científicas, nos seus aspectos abertos e profanos, situam-se nas antípodas do mito. Mas o seu núcleo comporta uma zona cega onde pode instalar-se um fermento que transforma a idéia, torna-a soberana, em mito; assim, a idéia pitagórica da realeza do Número torna-se mito, como ocorre com a idéia galileana, newtoniana, laplaciana, da ordem matemática do mundo...

Toda passagem a ser de um sistema de idéias comporta um potencial mitologizante. Toda idealização/racionalização doutrinária tende a autotranscendentalizar o sistema. A partir daí, o mito pode instalar-se no núcleo do sistema abstrato e divinizar as idéias-mestras. Assim, opera-se a mitologização da idéia abstrata. As teorias científicas evitam a *doutrinarização*, mas o seu núcleo permite a mitificação. Os *themata* são idéias-mestras obsessivas que tendem a impregnar-se de força mítica. Assim, embora permanecendo empírico-rationais, as teorias científicas podem absorver o mito nos seus núcleos.

O mito introduz-se clandestinamente, como um vírus que se introduzisse no DNA do hóspede e nele se integrasse, suscitando desde então uma atividade propriamente mitológica, mas invisível. Melhor ainda: *o mito invadiu o que lhe parecia mais hostil e que deveria tê-lo liquidado*.

Se o mito pode introduzir-se no núcleo das teorias científicas sem, no entanto, controlá-lo totalmente, pode invadir plenamente as doutrinas e as ideologias. Enquanto as teorias científicas permanecem profanas por natureza, a despeito da tendência própria a todo sistema de idéias a autotranscendentalizar, as doutrinas auto-sacralizam-se e auto-idolatravam-se. O conceito fundamen-

tal torna-se soberano do universo. A doutrina exige a veneração dos seus adeptos, que devem obedecer-lhe literalmente, citá-la ritualmente e utilizar a conversa fiada litânica de um quase culto. Assim, a transcendentalização e a deificação características da mitologia e da religião entram sub-repticiamente, mas com profundidade, no mundo laico da doutrina.

Acontece o mesmo com a ideologia. Como todo sistema de idéias, a ideologia comporta um núcleo que determina a organização dos conceitos e a natureza de sua visão de mundo. Esse núcleo não se limita a realizar a fusão (ou a confusão) entre paradigmas/axiomas e valores, mas contém, enterrado em si, uma substância mítica confundida com a sua própria substância doutrinária. Os valores adquirem uma vida superior que os torna míticos: a Justiça, a Ordem, a Liberdade, a Igualdade, o Amor, a Verdade, o Homem, embora permanecendo valores, tornam-se mitos e divinizam-se. Assim, o homem, fonte de direito e de fraternidade na filosofia humanista, acha-se, de qualquer maneira, divinizado na ideologia humanista, pela qual alcança uma dignidade sobrenatural que o destina à conquista e ao controle da Natureza. A idéia do homem e o mito do homem contaminam-se reciprocamente, e o mito tende a apossar-se da idéia. Diferentemente do mito tradicional, o mito moderno é invisível sob a abstração ideal e sob a lógica do sistema. Torna-se tanto mais invisível quanto mais usa a máscara da ciência “desmitificadora”. Assim, o mito da salvação terrestre tomou a forma do “materialismo científico”.

Hoje, no nosso mundo ocidental, só de maneira estética, sob a forma romanesca ou cinematográfica, consumimos os mitos do tipo arcaico, antigo ou exótico, as narrativas bioantropomorfas. Os nossos mitos, profundos e tirânicos, encontram-se embutidos em cápsulas de idéias abstratas, inclusive na idéia desmitificadora da Razão. Virulentos, fazem parte das nossas ideologias. Há mito tipicamente moderno quando há, nas idéias fundamentais de uma ideologia, coagulação de fortes cargas de verdade cognitiva e de verdade ética (valores) e quando essas idéias se tornam autoritárias, dominadoras, sacralizadas, soberanas. Assim, a ideologia con-